

Resenha: A pós-verdade é verdadeira ou falsa?

Review: Is post-truth true or false?

Fábio dos Santos Coradini¹

Lucia Santaella é pesquisadora 1A do CNPq, graduada em Letras - Português e Inglês. Professora titular no programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, com doutoramento em Teoria Literária na PUCSP em 1973 e Livre-Docência em Ciências da Comunicação na ECA/USP em 1993. É Coordenadora da Pós-Graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital, Diretora do Centro de Investigação em Mídias Digitais (CIMID) e Coordenadora do Centro de Estudos Peirceanos, na PUCSP. Recebeu o prêmio Jabuti em 2002, 2009, 2011 e 2014, o Prêmio Sergio Motta, Liber, em Arte e Tecnologia, em 2005 e o prêmio Luiz Beltrão - maturidade acadêmica, em 2010. Foram 245 mestres e doutores que defenderam suas dissertações e teses sob sua orientação, de 1978 até o presente, além de ter supervisionado seis pós-doutorados. Tem 50 livros publicados, dentre os quais seis são em coautoria e dois de estudos críticos. Organizou também a edição de 20 livros. Além de livros, Lucia Santaella tem mais de 400 artigos publicados em periódicos científicos no Brasil e no Exterior. Suas áreas mais recentes de pesquisa são: Comunicação, Semiótica Cognitiva e Computacional, Inteligência Artificial, Estéticas Tecnológicas e Filosofia e Metodologia da Ciência.

O livro “A Pós-verdade é verdadeira ou falsa?” foi publicado em 1º de janeiro de 2018, pela Editora Estação das Letras e Cores. Entraremos agora em alguns conceitos e definições do livro, que permearam a leitura. Alguns deles aparecem de forma constante na obra, enquanto outros aparecem em parágrafos específicos. Entretanto, são aspectos fundamentais para o entendimento da obra. Seguindo a ordem dos capítulos, iniciaremos as definições do conceito de bolhas – ou bolhas filtros, conforme a responsável pela criação deste conceito (PARISER, 2010) – que

¹ Doutorando em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPGEduc/UFRRJ). Mestre em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPGEduc/UFRRJ). E-mail: fabiocoradinic@gmail.com

são filtros originados pelos próprios dispositivos da internet, de acordo com os aplicativos utilizados e os interesses de quem utiliza, de acordo com gostos, preferências, conversas e pesquisas nas redes. Trata-se de um efeito espelho, onde tudo o que se vê é reflexo da própria pessoa. Desta forma, bolhas são constituídas pela relação de pessoas que possuem os mesmos interesses e visão de mundo, valores e senso de crítica/humor idênticos ao de outra pessoa. Assim, as informações que circulam nas redes digitais de uma pessoa específica são filtradas, aparecendo conteúdo que somente se identifica com os seus interesses. Chama-se atenção neste ponto, para a alienação de alguns assuntos externos que não estão de encontro com os interesses da pessoa, fazendo com que ela não tenha acesso àquilo que não demonstra interesse ao navegar por plataformas e, com isso, receba informações apenas do que os algoritmos das plataformas compreender ser de interesse pessoal e exclusivo.

A autora chega ao ponto de questionar como ocorrem as personificações dos filtros, através de uma base algorítmica, social ou até mesmo da combinação de ambos. Estes filtros apresentam uma tendenciosidade que afetam significativamente o acesso a informação, na medida em que os filtros conduzem o usuário a pontos de vista estreitos que impedem a exposição a ideias contrárias aos seus preconceitos.

Torna-se necessário, portanto, distinguir redes sociais de filtros de busca, sendo o primeiro conceito definido como um dispositivo com menor resultado de buscas influenciando nas bolhas, sendo, entretanto, os filtros de buscas mais perigosos do que as redes sociais, pois pessoas que usam plataformas de busca na internet (como os motores de buscas) são menos propensas a cair em bolhas do que as que usam somente as redes sociais digitais. Entretanto, uma vez utilizadas as mídias e os motores de buscas, as bolhas formadas são apresentadas constantemente durante o uso da web, independente do dispositivo utilizado, visto que os dados são agora controlados não mais pela pessoa que pesquisa, mas sim por algoritmos, *softwares* e inteligência artificial das plataformas.

Destaca-se neste ponto, entretanto, a homofilia, originada a partir das bolhas filtradas, que leva à aceitação automática apenas daquilo que funciona como espelho de nós mesmos, produzindo a impressão equivocada, tida como legítima, de que nossas ideias são as corretas e aquelas que predominam. A autora alerta que este mecanismo é propício às criações e disseminações das *fake news*, que se

apresentam por três traços caracterizados: desinformação, desconfiança e manipulação; tendo em vista que recebemos apenas aquilo que acreditamos, e por isso, passamos adiante, sem ter o cuidado de avaliar o outro lado da moeda, sem saber a veracidade do que recebemos e compartilhando, tendo em vista o achado de estar certo apenas o que se acredita.

A autora continua o texto do livro ao indicar que se torna necessário, entretanto, furar as bolhas, para que de fato, seja recebido pela internet o maior número de informações diversificadas possíveis. Para isso, o primeiro passo é abandonar a posição de receptor passivo, tendo cuidado ao utilizar a internet e seus dispositivos. Segundo Santaella, isso requer competência técnica para o uso das ferramentas disponíveis quanto a competência para a interação e o engajamento social.

A autora explica que o termo pós-verdade para o dicionário, por sua vez, deve ser entendido em dois sentidos diferentes: de um lado, o significando “depois que a verdade tenha se tornado conhecida”; de outro, o significado inaugurado pelo artigo de Tesich, a saber, o fato de que a verdade se tornou irrelevante. Neste ponto, entende-se que atualmente o termo pós-verdade é utilizado no último sentido destacado anteriormente, visto que no contexto das *fake news*, a verdade se tornou irrelevante, sendo propagados conteúdos favoráveis a espalhar informações tendenciosas sobre determinado assunto, que informem não mais a verdade, mas sim o que querem que seja verdade. Importa destacar ainda que é preciso separar o que é verdade do que é opinião sobre algo, visto que ao emitir uma opinião sobre algo, pode-se distorcer o sentido, de modo que uma verdade se torne uma inverdade e vice-versa.

Define-se verdade como a função de trazer luz para os fatos ocultos, relacionando a outros e traçar o retrato da realidade a partir do qual os homens possam atuar. Já a verdade factual consiste que seu contrário não é erro, nem ilusão, nem opinião, nenhum das quais se reflete sobre a veracidade pessoal, e sim a falsidade a mentira. Ou seja, há uma correspondência que deve ser buscada na medida do possível, entre acontecimentos e os discursos que os reportam. Enquanto, a pós-verdade é quando o discurso ignora, desrespeita, distorce, manipula os fatos, pois a pós-verdade é sempre verdadeira, que dizer, deve haver uma verdade, aquela dos fatos ocorridos, que as *fake news*, estão levando a derrocada.

A verdade racional é aquela que é produzida pela mente humana na matemática, na ciência, na filosofia até às espécies comuns desse tipo de verdade. Enquanto a verdade factual, por sua vez, é aquela que está mais sujeita aos assédios do poder. A semiótica inclui o estudo de sinais e processos de signos, indicação, designação, semelhança, analogia, alegoria, metonímia, metáfora, simbolismo, significação e comunicação. A tradição semiótica explora o estudo de signos e símbolos como parte significativa das comunicações.

Na ciência é composta de verdades provisórias, pois trabalha com verdades discutíveis, medidas por sistemas codificados de leis que são expressas em teorias caracterizadas por redes de conceitos interligados, métodos para atingir objetivos, procedimentos, protocolos e justificativas, e que podem ser modificadas e refutadas, a todo momento, podendo ser essa verdade modificada, a partir de uma prova do contrário do que se havia encontrado anteriormente.

Estes conceitos, destacados acima, no decorrer deste texto são apresentados ao longo de todo o livro, sendo divididos entre capítulos do mesmo, denominados: O que as bolhas ocultam (capítulo 1); A propagação de notícias falsas (capítulo 2); Uma era da pós-verdade (capítulo 3); A reivindicação da verdade no jornalismo (capítulo 4); A verdade fatural e o jornalismo (capítulo 5) e outras verdades (capítulo 6).

Este livro apresenta problemáticas atuais que estão cada vez mais presentes na vida de todas as pessoas, relacionadas aos desdobramentos trazidos pela internet, como o fenômeno das *fake news*, a pós verdade e o que é propagado a partir das possibilidades da web. Dessas condições, este trabalho extrai sua justificativa na medida em que pretende, antes de tudo, desatar analiticamente os fios em que as bolhas, as notícias falsas e a propalada era da pós-verdade encontram-se confusamente enroscados, para, a seguir, retomar suas interrelações sob uma perspectiva tanto quanto possível bem fundamentada.

Após a leitura da obra, recomendo este livro à todas as pessoas que utilizam a internet, tanto de maneira informal como de maneira profissional, visto que os capítulos e assuntos abordados nesta obra são esclarecedores sobre assuntos atrelados à internet que podem ser prejudiciais aos usuários, além de alertar para acontecimentos como as bolhas as quais, mesmo que de modo involuntário, estamos inseridos, através de nossas buscas e interesses na web. Deste modo, usuários da internet, deveriam atentar-se aos assuntos abordados no decorrer deste capítulo, bem

como os formadores de opinião e influenciadores de pessoas, pois é preciso disseminar estas informações, a fim de minimizar a utilização inadequada da internet, a partir de uma linguagem simples, clara e objetiva, que aborda uma temática muito atual e necessária.

Avalio esta obra como positiva e de extrema relevância, visto que aborda assuntos que alcança grande parte das pessoas, mas que, mesmo usuárias da ferramenta, muitas vezes, desconhecem o que é possível acontecer pelo simples fato de utilizar a web, para toda finalidade. Esta obra, entretanto, é esclarecedora e pode alertar para o cuidado do que se propaga e do que se recebe, cultivando o olhar desconfiado e o cuidado em acreditar fielmente em algo, sem procurar outros lados da história. Foi uma leitura que acrescentou de forma positiva no meu cotidiano, ampliando pensamentos, olhares e conhecimentos sobre as temáticas da internet e da informação, de uma forma geral.

Referências

SANTAELLA, Lucia. **A Pós-Verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019. 98pp.